



apem
NEWSLETTER
JANEIRO 2026

NEWS

| Editorial

Nós por cá

- Revista Portuguesa de Educação Musical 2025: Vol. 151 (2025)
- Formações CFAPEM 2026
- Canção à espera de palavras – 6ª edição
- Podcast *À mesa não se canta* | Pedro Zagalo
- Participe no EuDaMuS 2026 e dê voz à música na sua escola
- III Encontro STEAM – Vila Nova de Gaia – 21 de março, 2026
- Área de Sócios APEM

| Cantar Mais

| Já conhece?

| Releituras

| Última



EDITORIAL

por Manuela Encarnação

O que a escola herda das opções educativas da família: um desabafo pessoal

Neste Natal vivi uma situação aparentemente banal, mas profundamente reveladora dos caminhos que a educação familiar pode hoje assumir — e das consequências que essas opções têm, inevitavelmente, na escola.

Enquanto aguardava na fila para embrulhar um presente, estava à minha frente um senhor com uma grande caixa: uma *PlayStation*. Durante o atendimento a fazer o embrulho, a funcionária comentou que também gostaria de poder oferecer uma consola ao filho — e até para si própria —, mas que ainda não conseguia, por ser caro. Perguntou-lhe quanto tinha custado. O senhor respondeu “cerca de 350 euros” e acrescentou, com alguma franqueza, que a compra lhe custava bastante. Pensámos que seria por razões económicas, mas não. Explicou, então, o motivo da compra: tinha dois filhos, um já possuía uma *PlayStation* e o outro reclamava constantemente para poder jogar. Tentou resolver a situação dividindo o ecrã da televisão — metade para o pai ver televisão, metade para o filho jogar —, mas as queixas do mais novo intensificaram-se. A solução encontrada foi comprar uma segunda consola, colocá-la no quarto do filho mais novo e, assim, garantir que cada um tivesse a sua nos respetivos quartos. Desta forma, ambos deixariam de discutir... e ele próprio poderia ver televisão “à vontade”.

Perguntei, por curiosidade, a idade dos filhos. O mais velho tinha 10 anos e o mais novo, o que agora muito reclamava, 7. Confesso que não consegui esconder a minha surpresa. Não se trata aqui de demonizar a tecnologia. Uma *PlayStation* é, em si mesma, apenas um objeto — e muitos jogos até ganham mais interesse quando jogados a dois, promovendo cooperação, diálogo e partilha. O que impressiona é que, nesta família, não se conseguiu transformar o conflito numa oportunidade educativa. Pelo contrário, optou-se por uma solução que promove a individualização, o isolamento e o consumo como resposta imediata ao desconforto.

EDITORIAL

por **Manuela Encarnação**

O que a escola herda das opções educativas da família:
um desabafo pessoal



É inevitável perguntar: como é possível não saber dizer “não”? Como é possível não contrariar os impulsos de crianças de 7 e 10 anos, idades em que a construção de limites, a aprendizagem da espera e da frustração e a negociação de regras deveriam ser centrais? Sofrer faz parte da vida e sistematicamente impedir que as crianças lidem com a frustração não é proteger, como é sabido.

A escola recebe diariamente as consequências destas opções. Recebe alunos com enorme dificuldade em partilhar, em esperar pela sua vez, em lidar com a frustração e em aceitar regras que não foram negociadas ao sabor do desejo individual. Recebe crianças que exigem atenção constante, que se desorganizam perante o conflito e que, muitas vezes, confundem autoridade com obstáculo. Esta pode ser apenas uma variante, entre muitas, que podem coexistir dentro de uma sala de aula e na sua expressão máxima, catalogamos como indisciplina. Qualquer professor da escola pública conhece e reconhece outras realidades familiares que entram diariamente pela sua sala adentro e tão bem descritas neste artigo da jornalista Margarida Davim, contribuindo para a mesma catalogação.

Ao professor cabe, então, uma tarefa cada vez mais complexa: ensinar, criando ambientes de aprendizagem adequados, motivadores e efetivos, mas também — e cada vez mais — ensinar a estar com os outros, a gerir o tempo, a respeitar limites, a concentrar-se e a conviver com o desconforto de não ter tudo, sempre e já. Cabe-lhe mediar conflitos que poderiam — e deveriam — ter sido trabalhados em contexto familiar, num espaço afetivo e seguro.

Quando em ambientes familiares, a solução para o conflito é sempre comprar, oferecer ou ceder, a escola herda o difícil papel de contrariar anos de mensagens implícitas: a de que o desejo individual está acima do coletivo; a de que o silêncio se compra; a de que a frustração é algo a evitar a qualquer custo.

EDITORIAL

por **Manuela Encarnação**

O que a escola herda das opções educativas da família:
um desabafo pessoal

Educar nunca foi simples, mas também acredito que agora pode ser mais difícil. Exige tempo, paciência e coragem — sobretudo a coragem de dizer “não” quando seria mais fácil dizer “sim”. Talvez este seja um dos maiores desafios da educação contemporânea: resistir à tentação das soluções rápidas e assumir que educar é, muitas vezes, escolher o caminho mais exigente... mas também o mais transformador.

E nesse capítulo, considero que somos os privilegiados pelo facto de a nossa matéria ser a Música. Na música que se ouve, na música que se faz e na música que se cria, existe um mundo infinito de possibilidades educativas, pedagógicas, sociais, estéticas e artísticas, onde o espaço e o silêncio também interagem permanentemente e molduram a qualidade dessa vivência musical, emocional e educativa com características muito singulares e, na minha perspetiva, únicas, nos contextos educativos. Não podemos desperdiçar esse valor.

Na APEM, o ano de 2025 terminou com a conclusão das publicações dos artigos na nossa Revista Portuguesa de Educação Musical (RPEM), *Janeiro/Dezembro 2025 | Vol. 151*, sob a direção de Ana Isabel Pereira. Mais uma vertente do nosso trabalho que só nos pode orgulhar pela qualidade, diversidade e possibilidades [quando a ideia de Liberdade ganha corpo](#), como é referido no Editorial da RPME.

Votos de um excelente 2026 com boas leituras, boas reflexões e boas decisões!



INÓS POR CÁ



Revista Portuguesa de Educação Musical 2025: Vol. 151 (2025)

É com imenso orgulho que divulgamos na nossa comunidade de professores e investigadores de música o n.º 151 da Revista Portuguesa de Educação Musical (RPEM). Neste número juntam-se sete artigos, que se podem caracterizar pela sua diversidade global e pela singularidade de cada um dos autores, para além do Editorial da Diretora da RPEM. Precisamente no seu Editorial, Ana Isabel Pereira, indica-nos as premissas que se propõem como chave de leitura deste número da Revista e que citamos: “aprender a partir da singularidade de quem nos rodeia é abrir possibilidades. E abrir possibilidades implica, quase sempre, criar espaço para a diferença. É nesse lugar que a escuta assume um papel central: escutamos para reconhecer as diferenças e, ao reconhecê-las, aprendemos com elas enquanto comunidade. Esta escuta não é entendida apenas como experiência sensorial, mas também como forma de pensar, agir e estar no mundo.” A leitura atenta dos artigos de Ana Luísa Veloso, Manuel Pedro Ferreira, Maite Bilbao, Carlos Garcia, António Pinho Vargas e os artigos de homenagem a Ana Lúcia Frega (1935-2025) e aos trinta anos da primeira visita de Edwin Gordon (1927-2015) a Portugal contribuem, por certo, para o desenvolvimento da nossa forma de pensar, agir e estar no mundo da música na educação.

Acompanhe a RPEM:

AQUI



NÓS POR CÁ

Formações CFAPEM 2026

O CFAPEM entra em 2026 com uma agenda de formação que reflete a diversidade dos sócios APEM, com propostas de formação que se propõe a enriquecer o ensino da música nos seus variados contextos.

A primeira formação a estrear o ano foi a 11^a edição pelo curso de formação de Carlos Damas, dedicado aos possíveis caminhos para apoiar formandos e seus alunos na regulação emocional que caracteriza os contextos de performance. O curso de formação online “Psicologia da performance: estratégias na gestão da ansiedade e das emoções” tem a duração de 12,5h e está creditado para professores do ensino especializado.

“Banda pop em sala de aula”, de Pedro Zagalo, regressa para uma 5^a edição, já no final deste mês de janeiro. Creditado para os grupos 250 e 610, este curso de formação online de 25 horas foca-se nas propostas de aprendizagem colaborativa inspirada no trabalho das bandas pop.

Rui Santos inicia mais uma edição de “Micro.bit: o computador de bolso”, com propostas na área da programação e robótica exploradas a partir de propostas musicais, articulando conhecimentos das duas áreas. Esta é também uma ação de formação online de 25 horas destinada aos grupos 150, 250 e 610.



E não é apenas a tecnologia que está em destaque para o ensino geral. Rui Silva dará seguimento à sua ação online dedicada ao adufe – projeto artístico, trazendo uma nova edição do nível II de “Projeto artístico: o adufe – o potencial dos instrumentos tradicionais portugueses no ensino da música”. Este curso de formação online de 25 horas foi inicialmente creditado para os grupos 250 e 610. Neste momento, encontra-se creditado também para os grupos M16, M17, M26, M28 e M32.

E ainda sobre instrumentos tradicionais portugueses no ensino da música, também Daniel Cristo vai transportar-nos às raízes da música tradicional com o seu “Projeto artístico: o cavaquinho”. Trata-se de um curso de formação online de 25 horas, creditado para os grupos 250 e 610. Está previsto apenas para o terceiro período, mas tem já inscrições abertas.

Toda a informação e inscrições:





NÓS POR CÁ

Formações CFAPEM 2026

Nova oficina de formação de Bitocas Fernandes

Em fevereiro, o CFAPEM estreia a mais recente proposta do criativo músico Bitocas Fernandes, sob coordenação pedagógica de Carlos Batalha. “Viagem ao centro do som – Laboratório de instalações sonoras” é o nome desta oficina de formação de 50 horas, que se desdobra em 25 horas presenciais e 25 horas de trabalho autónomo. As sessões presenciais vão ter lugar em Águeda e são orientadas para a exploração do som em ambientes experimentais e criativos, com propostas de trabalho que pretendem ir além da sala de aula tradicional.

Toda a informação e inscrições:

AQUI

NÓS POR CÁ

Formações CFAPEM 2026

Uma ação de formação de curta duração dedicada ao ritmo

“Ritmo: elementos de cognição, prática e implicações pedagógicas” é o título da nova ação de formação de curta duração da APEM. A proposta chega ao CFAPEM através de Joaquim Branco, que dinamiza a ação. Na sua experiência como professor de Formação Musical e Auditiva, Joaquim Branco explora abordagens pedagógicas inovadoras que desafiam as práticas convencionais tendo como foco o ritmo.

No dia 17 de janeiro, Joaquim, que se tornou parceira da APEM nesta iniciativa, levou a ação de formação até à Academia de Música de Espinho, na zona norte do país. No dia 28 de fevereiro, rumo até ao Estoril para uma nova edição, tornando-a acessível aos professores das zonas mais a sul do país.

Mais uma vez, em parceria com a Câmara de Cascais, a formação vai ter lugar na Casa Verdades Faria – Museu da Música Portuguesa.

Mais informações e inscrições aqui:

AQUI





NÓS POR CÁ

Canção à espera de palavras – 6ª edição

O início das atividades escolares em 2026 para as turmas do 3º ao 6º ano do ensino geral e do ensino artístico especializado pode ser enriquecido com um projeto de escrita para canções. Já experimentou?

Ouvir música, deixar-se ir com ela, pensar até onde nos pode levar essa música, cantar a melodia, registar uma chuva de palavras que vêm à cabeça a propósito do ambiente da música, é o primeiro passo!
E o que as crianças aprendem com este exercício!

As palavras e a diversidade de temáticas que podem encontrar para cantar é um ponto de encontro, de diálogo, de conversas, de reflexões, que levam professores e alunos para situações de aprendizagem inesquecíveis, onde a imaginação e a criatividade ganham lugar e as aprendizagens ganham significado.
A partir daqui é motivar para organizar a letra da canção e tudo o resto, todos os materiais de apoio ao trabalho do professor estão aqui no [Cantar Mais!](#)

Depois é só concorrer e o processo não podia ser mais simples. Veja

AQUI

Quem concorre já ganhou!

Todas as informações sobre como participar:

AQUI

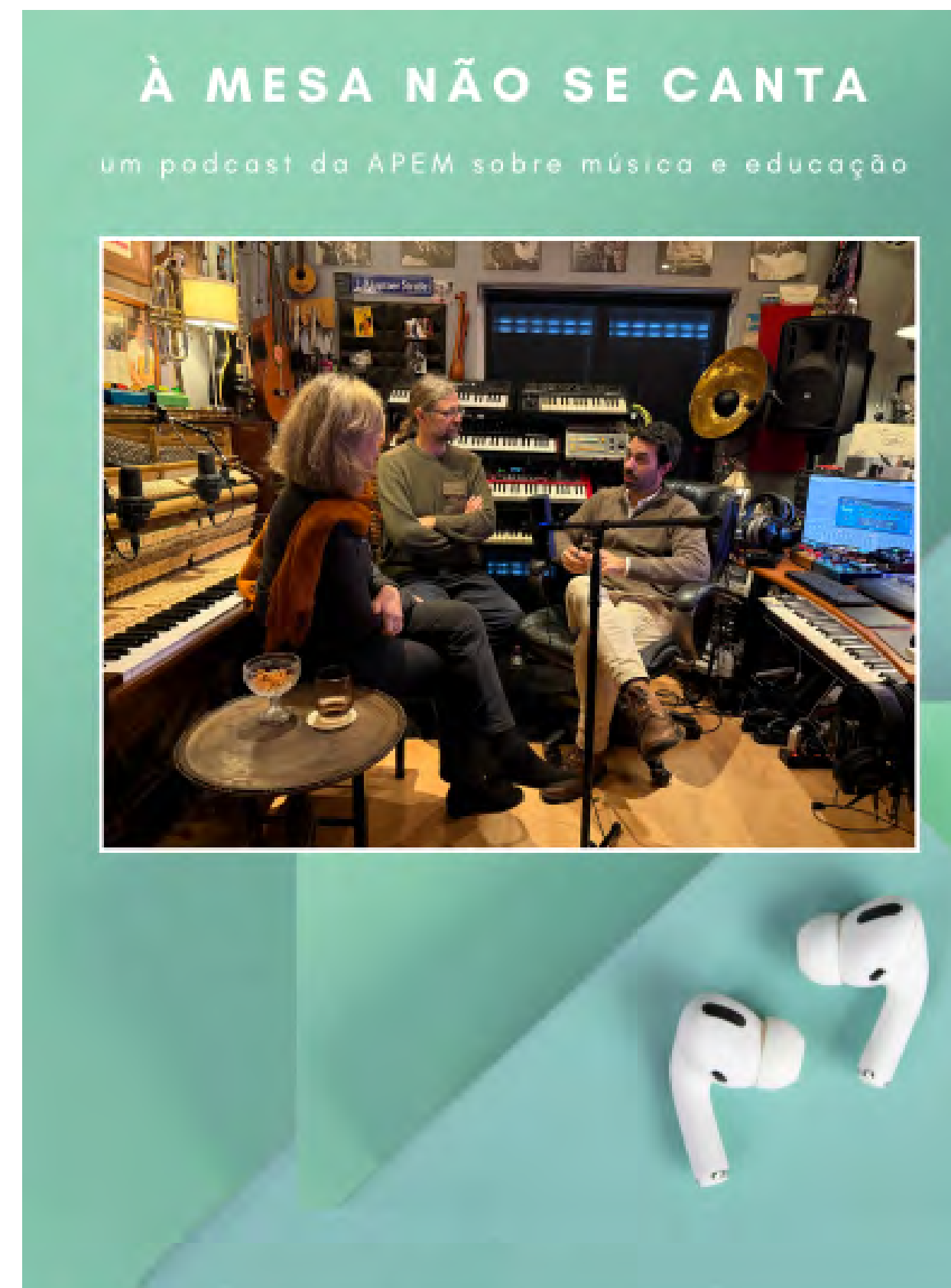
NÓS POR CÁ

Podcast *À mesa não se canta* | Pedro Zagalo

O nosso convidado deste primeiro episódio de 2026, Pedro Zagalo, professor, músico, multi-instrumentista, produtor e diretor musical, recebeu-nos no seu maravilhoso e exemplar estúdio em casa, um dos seus lugares de trabalho. Pedro fala-nos do seu mundo com uma serenidade cheia de paixão. Nasceu em Portalegre, mas aos dois anos foi para Elvas, uma vez que os pais foram lá colocados como professores. E foi em Elvas, logo aos quatro anos, que foi atrás do irmão mais velho aprender música na Academia de Música de Elvas. Apesar de os pais não serem músicos, a vivência musical familiar foi intensa, tanto em casa como em viagens de carro onde a voz e o cantar da mãe se distinguiam. O piano em casa e a escola de música, o ensino formal e a aprendizagem informal depois da escola, andaram sempre de mãos dadas e fizeram a riqueza do mundo musical de Pedro Zagalo. Ser professor de educação musical era o que o Pedro queria, ensinar e a vida da escola é uma paixão. Ouvir o Pedro a falar do seu percurso formativo e profissional, das histórias que já marcaram a sua vida tanto de músico como de professor e a forma como reflete sobre elas é um ensinamento tão rico quanto despretensioso.

Nunca lhe tirem o ensino, os alunos e a escola da sua vida!

Oiça **AQUI** a nossa conversa, também sempre disponível nas plataformas do costume.



NÓS POR CÁ

Participe no EuDaMuS 2026 e dê voz à música na sua escola

Como já partilhámos em comunicações anteriores, o EuDaMuS 2026 convida-o(a) a dar visibilidade à educação musical na sua escola. À medida que 28 de fevereiro de 2026 se aproxima, lembramos que este é o prazo para submeter o seu vídeo.

O desafio consiste em criar um vídeo que mostre como é e como soa a educação musical na sua escola. Pode incluir entrevistas com alunos, uma visita à sala de música ou uma pequena atuação. Caso não seja possível captar imagens dos alunos, é possível recorrer a desenhos, trabalhos ou outros conteúdos por eles realizados. O vídeo deverá ser carregado no YouTube e o respetivo link partilhado através [deste formulário](#) indicado.

Durante a Semana do EuDaMuS, de 9 a 13 de março de 2026, poderá ainda dinamizar outras atividades musicais com os seus alunos — como atuações, apresentações, concertos, quizzes musicais ou exposições de trabalhos — e partilhá-las nas redes sociais (LinkedIn, Facebook, TikTok ou Instagram), em formato de texto, vídeo, podcast ou fotografias, envolvendo colegas, encarregados de educação ou a comunidade local.

Se não lhe for possível participar nestas iniciativas, convidamo-lo(a) a juntar-se online no dia 11 de março, das 11:00 às 11:30 (CET), numa sessão via Zoom.

Reserve já esta data e [inscreva-se aqui](#) para participar.



Em todas as partilhas, utilize as seguintes hashtags:

#eudamus2026 #educacaomusical #musicanaescola #diadaeuropa #europa #music-education #europe #europeanday

Contamos com a sua participação para, juntos, continuarmos a dar voz à música na escola, em Portugal e na Europa. 🎵

Saiba tudo sobre o EuDaMuS 2026:

AQUI

Para professores da educação pré-escolar ao 12.º ano

STEAM

III ENCONTRO

21 de março 2026 | Vila Nova de Gaia
ESCOLA SECUNDÁRIA ANTÓNIO SÉRGIO

ACD de 6 horas, releva para efeito da progressão em carreira dos professores
 Inscrição em QR



Organização:



NÓS POR CÁ

III Encontro STEAM – Vila Nova de Gaia
21 de março, 2026

Já se encontram abertas as inscrições para o III Encontro STEAM.

STEAM refere-se a abordagens de ensino interdisciplinar de Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática (Science, Technology, Engineering, Arts and Mathematics, STEAM).

Este ano o Encontro vai decorrer em Vila Nova de Gaia, na Escola Secundária António Sérgio, sábado 21 de março e à semelhança dos anteriores, constitui-se como uma ação de formação de curta duração de 6 horas. Os interessados, para além de duas palestras por individualidades de reconhecido mérito no âmbito da abordagem STEAM, poderão selecionar à sua escolha entre 11 workshops muito diversificados. Os sócios das associações organizadoras, nomeadamente os sócios da APEM, terão um desconto de 50% na inscrição e o almoço está incluído! Para usufruírem do desconto, os sócios da APEM com as quotas em dia deverão colocar como cupão de desconto o acrónimo APEM.

Toda a informação:



NÓS POR CÁ

Área de Sócios APEM

Para começar da melhor forma o ano de 2026, partilhamos, na área de sócios, as gravações do XIX Encontro Nacional de 2025 que aconteceu no dia 8 de novembro na Fundação Calouste Gulbenkian, com a temática Da Canção ao Cantar: Ouvir, Fazer e Criar, onde se celebrou os dez anos de vida do projeto Cantar Mais.

Poderá visualizar todos os momentos deste encontro, que incluem a conferência de António Nóvoa, a comunicação de Gilberto Costa e Carlos Gomes, os workshops de Maite Bilbao e Carlos Garcia, bem como a mesa-redonda moderada por Manuela Encarnação e António Vasconcelos e o concerto final, dirigido pelas maestrinas Ana Venade e Érica Mandillo.

Para visualizar estas gravações, deve fazer login no site da APEM e aceder à seguinte página:

AQUI



I CANTAR MAIS

“Está Frio”: uma canção para aquecer o Inverno!

Esta canção faz parte do ciclo “Quatro Estações - Cantar Mais Jazz”, de José Dias. Com a sonoridade vibrante do Jazz Manouche — onde as guitarras ritmadas e o saxofone soprano dão o tom — esta música é um convite perfeito para os dias cinzentos.

A letra transporta-nos para aquele momento mágico em que espreitamos pela janela embaciada, ansiosos por sair, mas somos travados pelo discurso cuidadoso da mãe. É uma homenagem àquela voz protetora que, com todo o carinho, nos recorda de cada detalhe e nos diz:

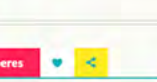
— *Calça umas galochas, leva as luvas, põe um gorro.*


Não te esqueças de vestir o teu casaco com capuz.

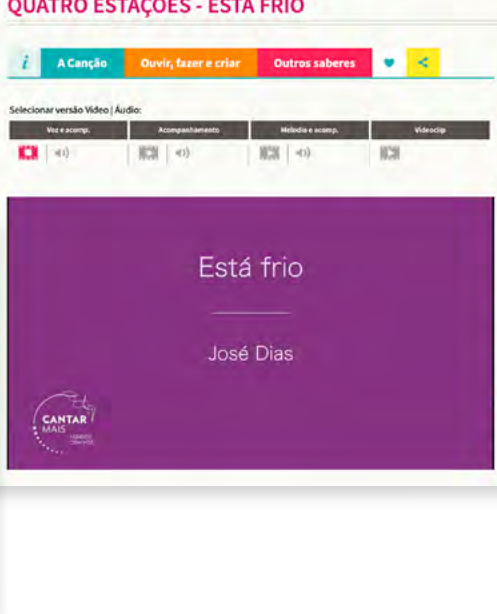
Fecha o casaco até cá acima e puxa o gorro até cá abaixo...Que está frio!!

Os acordes, rimas divertidas e o ritmo acelerado da mensagem são um desafio que, só por si, já nos aquece um pouco!

Os acordes, rimas divertidas e o ritmo acelerado da mensagem são um desafio que, só por si, já nos aquece um pouco!







CANTAR MAIS

Notas sobre Voz — Saúde Vocal



Neste “Notas sobre Voz” falarei, apenas brevemente, dalguns problemas mais comuns de saúde vocal que afetam os profissionais da voz.

Em primeiro lugar, há que estar atento aos sinais de alerta: disfonia ou afonia continuada, perda súbita e inexplicável de voz, voz permanentemente cansada e fragilizada, necessidade de pigarrear frequentemente, incapacidade de projetar a voz, dor

sistemática na garganta ou, mesmo, sensação de corpo estranho na garganta devem ser consciencializados como indicadores de problemas de saúde vocal que urgem ser observados e tratados.

A maior parte dos problemas vocais nos profissionais da voz devem-se a causas funcionais. Mau uso da voz por técnica respiratória, fonatória, articulatória e/ou ressonancial deficiente; permanente sobre uso da voz, por vezes sob fadiga e stress continuados; uso da voz em espaços de má qualidade acústica e por vezes sobre ruído; são apenas exemplos daquilo a que a voz profissional está sujeita.

Os problemas vocais mais comuns são disfonia e afonia provocadas por edema das cordas vocais. E o edema das cordas vocais pode ter as mais variadas causas: o abuso e mau uso da voz, como foi referido anteriormente, mas, também, alergias, infeções

respiratórias ou da garganta (virais ou outras), refluxo gastroesofágico, exposição a substâncias irritantes, tais como tabaco ou álcool. Como consequência observa-se, uma incidência significativa de nódulos e pólipos das cordas vocais nos profissionais da voz. Os nódulos bilaterais mais não são que calos que ocorrem no ponto de maior frequência de aproximação das cordas vocais, normalmente, ouve-se ar no som, na região de conforto da voz falada. Em geral, pode haver reversão dos nódulos com terapia da fala, por exemplo. Os pólipos são unilaterais, e resultam em lesões um pouco mais graves, que, normalmente, exigem cirurgia e reeducação da fala posteriormente.

No cantor os problemas vocais conduzem a um elevado nível de ansiedade, uma vez que um problema vocal tem um impacto enorme, quer profissionalmente – obriga, por vezes a cancelar concertos e apresentações públicas –, quer psicologicamente. Por outro lado, os problemas vocais no cantor são muito específicos, e são descritos de modo muito específico, por auto-observação auditiva e propriocetiva. Assim, se o problema se faz sentir na voz cantada, dever-se-ia ouvir a voz cantada do paciente; deste modo a história clínica deveria incluir uma escala de valoração subjetiva dos sintomas (SVHI – Singing Voice Handicap Index)¹ e, eventualmente, terapia da voz cantada, com uma equipa multidisciplinar² (professores de canto, otorrinolaringologistas, terapeutas da fala). O cantor apresenta, fundamentalmente, dois tipos de problemas: extrínsecos à técnica do cantor – condições anatomofisiológicas, abuso vocal, condições de trabalho e doença (de qualquer modo, quanto melhor a técnica, melhor a capacidade de cantar em condições de saúde desfavoráveis); e intrínsecos à técnica (técnica incorreta, falta de técnica, mau uso da voz). Ao cantor é, pois, necessário, um acompanhamento em que a avaliação da voz cantada seja também efetuada.

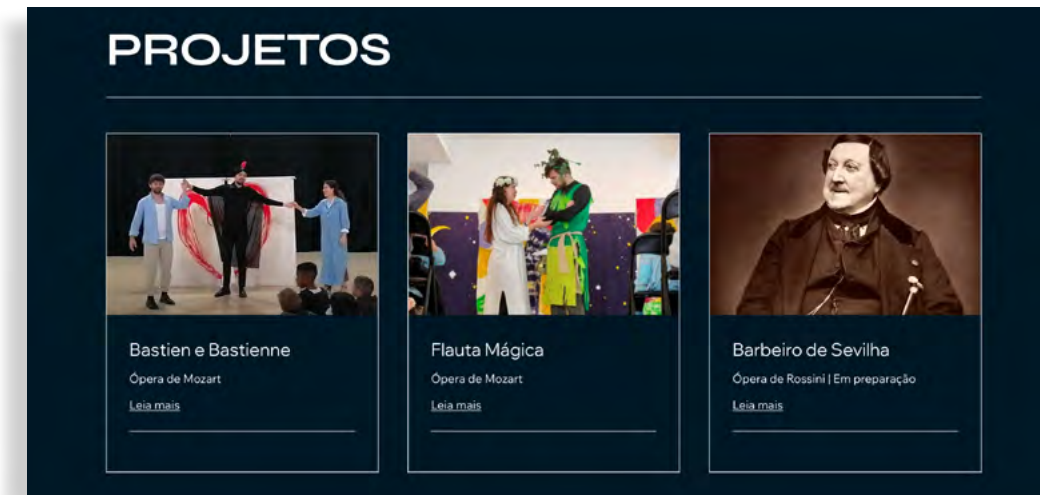
Fecho assim, este breve capítulo sobre higiene e saúde vocais, no próximo *Notas sobre Voz* falarei sobre mitos em torno da voz cantada. Estejam atentos!

[1] Cohen, S.M., Jacobson, B.H., Garrett, C.G., Noordzij, J.P., Stewart, M.G., Attia, A., Ossoff, R.H., Cleveland, T.F. (2007) Creation and validation of the Singing Voice Handicap Index. *Annals of Otology, Rhinology & Laryngology*, 116(6), 402-406.

[2] Estienne, F. (1998). *Voix parlée, voix chantée – Examen et thérapie*. Paris: Masson.

! JÁ CONHECE?

Projeto Ópera nas Escolas — www.operanasescolas.com



O projeto Ópera nas Escolas teve início no ano letivo 2024/2025 e tem como objetivo iniciar crianças e jovens estudantes portugueses na linguagem da ópera, nas suas vertentes formativa e lúdica.

No primeiro ano do projeto foi apresentada uma adaptação da obra Bastien e Bastienne, uma

pequena ópera de Mozart que a compôs aos 12 anos focando as temáticas bucólicas e campestres, na qual se explora a vertente da proteção da natureza.

No presente ano letivo, estreou já, em dezembro, A Flauta Mágica, de Mozart, em várias escolas. Encontra-se ainda em preparação a ópera O Barbeiro de Sevilha, de Rossini.

As óperas são cantadas em português por jovens cantores e adaptadas à duração de um tempo letivo, com cenários e figurinos, sendo acompanhadas ao piano.

As sessões contam igualmente com um animador, responsável por orientar a participação das crianças e por explicar as principais terminologias utilizadas na arte do canto.

As apresentações nas escolas destinam-se a crianças até ao 4.º ano de escolaridade. Cada apresentação inclui duas sessões, com capacidade para 70 crianças cada, perfazendo um total de 140 crianças por apresentação.

Este projeto, para além de levar a música às escolas, tem ainda como objetivo atribuir bolsas de estudo aos jovens cantores participantes, permitindo-lhes prosseguir os seus estudos.

Consulte [AQUI](#) o elenco do projeto e todas as informações.

RELEITURAS

por Ana Leonor Pereira



Pensamento Disruptivo e Criatividade



A educação pensa-se bem-sucedida quando o educando incorpora o corpo de conhecimento que lhe foi veiculado. O aluno teve física, aprendeu física. Tão-só. Mas uma educação que se cinge a isso – embora isso já seja bastante – falha na sua mais importante missão: a de fazer o aluno questionar o conhecimento que lhe foi veiculado. Diz-nos Edgar Morin que a educação tem como lema maior ensinar a pensar, formar uma “cabeça bem

feita”, de modo a que possa, mais largamente, ensinar a viver.¹ Ora, esta “cabeça bem feita” é uma cabeça questionante e indagante perante o mundo.

Uma educação bem-sucedida é, por isso, aquela que, ao ensinar, também ensina o aluno a questionar-se permanentemente e a questionar, permanentemente, o que lhe é transmitido. Ora, isto, dá muito trabalho. Gerar indivíduos questionantes é, também, incómodo. Mas essa devia ser a missão última de toda a educação, fomentar o pensamento crítico. Muitas vezes, infelizmente, essa tarefa é relegada apenas para o âmbito da filosofia, como se a capacidade de destrinçar a pseudo-ciência, ou mesmo a de indagar dos fundamentos credíveis da ciência, ou de lançar um olhar crítico para a religião, não fosse dever de todo o educador, e não tivesse a isso direito todo o educando.

O gesto crítico é ferramenta fundamental para todo aquele que quer ter sobre o mundo um olhar de liberdade e de autonomia. Quer para melhor compreender o mundo como para se posicionar, criticamente, em face deste.

RELEITURAS

por Ana Leonor Pereira

Pensamento Disruptivo e Criatividade

Para o artista, no seu permanente ato criativo, o seu lema é o de ver o que os outros não vêm, pensar o que os outros não pensaram. Não pela simples atitude da diferença, mas, sobretudo, pelo natural foco sobre o mundo diferenciado que é o do artista. Por isso, um requisito básico para este “ver o que os outros não vêm” passa pela possibilidade de pensar criticamente e, quiçá, disruptivamente. Para que tal aconteça, o artista precisa de ter, perante o legado que lhe é oferecido, conhecimento, domínio e, ainda, imensa gratidão; mas, também, a capacidade de se distanciar, de analisar criticamente de modo a construir a sua obra com esse legado, ou, para além desse legado, ou, mesmo, contra esse legado. O artista tem que se ter dado autorização a isso, e a educação a que foi submetido tem um indelével papel na atitude que o criador possa ter perante esse corpo de conhecimento e de saber. Portanto, não apenas o pensar criticamente é fundamental para uma análise mais objetiva do mundo, como é condição fundamental para que o indivíduo se possa, eventualmente, demarcar em relação ao status quo. Se isto é importantíssimo para o cientista e para o filósofo, é para o artista, condição a priori para todo o trabalho criativo.

Os momentos de epifania, ou os chamados “momentos eureka”, acontecem, como todos sabem, quando menos se espera. Em momentos de aparente distração, ou lazer, ou ócio contemplativo.... Em todo o caso, nenhuma maçã cai na cabeça de nenhum indivíduo e gerando magicamente a lei da gravitação universal, sem que o tal indivíduo não ande a pensar em porque é que as maçãs caem e não ande à procura de formular leis físicas do movimento. Mas, ainda assim, é preciso que este indivíduo se autorize a “ver o que os outros não viram” e, eventualmente, “ver contra o que os outros viram”.



Por isso, afirmo que o ato criativo exige como seu correlato um pensamento crítico sobre o mundo. E este olhar crítico sobre o mundo é implementado pelo educador. É dever maior da educação. Sem este motor, o desenvolvimento humano não acontece; não acontece a ciência, nem a filosofia e a arte fica manietada.

O pensamento crítico permite a disrupção e a disrupção permite a arte e o desenvolvimento humano. O papel do educador é, pois, de uma enorme responsabilidade. Mas, bem realizado, o educador terá conseguido, tal como na expectativa idealizada de Morin, ensinado a viver.




[1] Morin, Edgar, (1999). La Tête Bien Faire – Repenser la Reforme, Reformer la Pensée, Ed. du Seuil.



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO MUSICAL

Praça António Baião n.º5 B – Loja
1500-712 LISBOA

(+351) 217 780 629
(+351) 932 142 122
info@apem.org.pt
 apem.educacaomusical

info@cantarmais.pt
 CantarMais


FICHA TÉCNICA

Conceção e edição:
Direção da APEM

Colaboram neste número:
Manuela Encarnação (Coord.)
Ana Leonor Pereira
Carlos Batalha
Gilberto Costa
Lina Trindade Santos

Montagem gráfica:
Rita R. Andrade

Janeiro • 2026



VIAGEM AO CENTRO DO SOM

LABORATÓRIO DE INSTALAÇÕES SONORAS

Bitocas Fernandes e Carlos Batalha

21 de fevereiro a 13 de abril de 2026

Oficina de formação de 50h
Professores dos grupos 250 e 610 e todos os interessados
Clic.Lab - ÁGUEDA

 centro de
formação
apem

Inscriva-se

AQUI